

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

SARA MARIANO DE MELO

RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO DOCUMENTÁRIO
“PAUTA PROIBIDA?”

Maceió

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

SARA MARIANO DE MELO

**RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO
DOCUMENTÁRIO: “PAUTA PROIBIDA?”**

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Lídia Ramires

Maceió

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 17 dias do mês de setembro do ano de 2020, das 16h30 às 17h35, realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), *online* via RNP, a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado “*Pauta proibida?*” de autoria da graduanda Sara Mariano de Melo, matrícula **15210170**, do Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo), como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta por **Janayna Ávila** (1ª examinadora), por **Luiz Alberto Fonseca** (2º examinador) e por **Lídia Ramires** (orientadora). Após exposição oral sintetizando o TCC, a graduanda foi arguida pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

Aprovado, atribuindo-lhe a nota 10,0 (dez inteiros)

Reprovado

Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a _____ dias úteis.

Subscrevemo-nos

(orientadora)

(1ª examinadora)

(2ª examinadora)

Agradecimentos

Ao meu Pai, Aquele que preenche todos os vazios do meu coração. Pelo teu sublime amor sou abraçada todos os dias, foi Ele que me trouxe até aqui. Com todo meu coração, minha mente e força. Obrigada, Senhor.

À minha família, por me incentivar a lutar pelos meus sonhos todos os dias. Nossos caminhos foram mais difíceis do que eu gostaria, mas isso só mostrou que juntos somos mais fortes. Mãe, obrigada por abrir mão e se doar para que eu pudesse voar, a você todo o meu amor e dedicação. A Erivaldo e à Dayana, meus irmãos e companheiros nesta vida cheia de obstáculos, mas transbordando de amor.

Ao meu amor, João Lucas, por estar presente em cada momento desta trajetória ao meu lado. Com você toda caminhada é mais leve e cheia de carinho, obrigada por compartilhar. Você me ensina a olhar para o futuro todos os dias de uma maneira diferente. Obrigada por ser meu porto seguro.

Ao meu grande amigo, Bruno Presado, por abraçar, dividir e colecionar os amores e desamores do Jornalismo. Com você, eu aprendi que o diferente pode e deve vir para somar. A graduação nos tornou jornalistas e a vida nos tornou irmãos. Obrigada pelos sorrisos leves e contagiantes. Sem eles, esses anos não seriam tão prazerosos.

À minha orientadora, Lídia Ramires, com muito orgulho, você me faz enxergar as palavras e a Comunicação com um olhar cheio de amor. Obrigada por me acolher, pelos encontros na correria do dia a dia, por acreditar no projeto e me ajudar a voar.

Aos amigos, professores e mentores que encontrei ao longo da graduação, cada um de vocês, me ensinou a ser uma profissional e um ser humano melhor.

Ariane tinha mais de vinte anos quando decidiu ingressar em uma universidade pública para dar início ao curso da sua vida. Mulher, negra, moradora de periferia, um mês aqui, dois meses ali, a vida por aqui não é fácil. Ela não negava sorrisos e mesmo assim, quase nunca estava acompanhada, solidão. Estava sempre correndo atrás dos seus sonhos, bateu em tantas portas, correria. O jornalismo é o meu itinerário, nele eu me aventuro e mergulho. Mergulhou. Num amanhecer de segunda-feira, se atirou do alto de uma edificação.

Em memória de Ariane Félix da Silva

RESUMO

O videodocumentário jornalístico “Pauta Proibida?” proposto para o trabalho de conclusão de curso (TCC) é um produto de caráter reflexivo que busca incitar, investigar e explicar o processo de produção jornalística na cobertura midiática de pautas sobre suicídios. Pensamos que o jornalismo não existe somente para noticiar fatos e que seu papel vai além – o de informar, no sentido de instruir a população, de construir uma forma de pensar e proporcionar o compartilhamento de informações e experiências, promovendo debate e maior compreensão sobre temas sociais. A partir de um enredo mais sensível, o documentário aborda a história de uma personagem suicida, entre opiniões de profissionais sobre o papel do jornalismo em pautas sobre suicídios.

Palavras-chave: Jornalismo. Suicídio. Mídia

ABSTRACT

The journalistic video documentary “Pauta Proibida?” proposed for the conclusion of final paper is a reflexive product to incite, investigate and explain the process of adaptation of journalists with media coverage of the suicide agenda. Journalism does not exist only for notorious facts, its role goes beyond - to provide meaningful information to educate the population, to create a way of thinking and exhibiting a sharing of information and experiences, promoting debate and greater understanding of social issues. From a more sensitive plot, the sewing documentary of the story of a suicidal character, the opinions of professionals about the role of journalism within delicate topics, such as coverage of suicide.

Key words: Journalism. Suicide. Media

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	11
2.1 Geral	11
2.2 Específicos	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
3.1 Documentário	12
3.2 Jornalismo e ética	13
3.3 O suicídio no Brasil	15
3.4 Orientações do Ministério da Saúde ao noticiar as tentativas e os casos de suicídio na imprensa	16
3.5 Metodologia do documentário	19
4. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS METODOLÓGICOS	19
4.1 Ideia e Desenvolvimento do Tema	19
4.2 Roteiro e sequências	21
5. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO	22
5.1 Construção do documentário	22
5.2 Cronograma de produção	25
5.3 Orçamento e detalhamento técnico	25
5.4 Considerações finais	26
6. REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

“Pauta Proibida?” é um videodocumentário jornalístico que questiona o processo de midiatização da pauta suicídio. As linhas editoriais se mostram heterogêneas ao longo dos anos, apresentando produtos que vão do modo sensacionalista a outros totalmente superficiais com pouco aprofundamento.

Ariane Félix, estava cercada por comunicadores quando cometeu suicídio. Não há espaço para casos como esse na imprensa? Um questionamento intrigante é colocado em pauta: quem poderia ter ajudado Ariane?

A violência em geral, há muito, não é vista como tabu dentro da cobertura jornalística. Na visão apresentada por Cazeneuve (1958), tabu seriam proibições tanto na esfera da ação como na esfera do pensamento e do discurso. No Brasil, é possível presenciar diariamente coberturas de pautas que ferem a ética e maculam a imagem dos profissionais de comunicação. Os chamados programas “policiais” são carro-chefe de diversas redes de televisão. Neles, o jornalista passa então a ser reconhecido por fazer circular notícias de forma sensacionalista e cruel.

Para questionar o ensurdecido silêncio dentro dos veículos de comunicação, o videodocumentário “Pauta Proibida?” não apresenta apenas uma problemática visível sobre o tema, mas, também, abre espaço para discussão sobre a necessidade de falar sobre esse tema dentro das salas de aula de cursos de comunicação. Como prestação de serviço, o produto abre caminho para levar à sociedade, fugindo dos padrões habituais, uma realidade cada vez mais recorrente. É possível prevenir o suicídio falando do assunto de forma responsável e, sempre que necessário, é de extrema importância buscar ajuda profissional.

A escolha do tema para o videodocumentário nasceu pelo desejo de contar, de forma literária, a história de uma estudante de jornalismo que, no caminhar de sua trajetória, sentiu a força se esvaír; a garra que exibiu pelos cantos da universidade, dava lugar ao choro e ao desespero quando ninguém estava olhando. Ela encontrou barreiras, mas insistia em colocar um sorriso no rosto. Os problemas, ela guardava em uma caixinha, que permaneceu fechada até transbordar. Mulher, negra, moradora de periferia, Ariane pediu ajuda antes de decidir partir, mas acabou sendo só mais um número nas estatísticas do suicídio. “Pauta Proibida?” quebra a

mudez que determina o acordo entre cavalheiros: O suicídio não será noticiado pela grande imprensa.

Minha curiosidade como estudante de Jornalismo desenhou este projeto. Intrigada com as divergências entre redações, fui guiada a pesquisas históricas, bibliográficas e entrevistas na construção do documentário: fontes que se apresentam e denotam o tema são vozes que precisam ser ouvidas.

Em levantamento feito pelo ComunicaQueMuda (CQM) — plataforma digital da agência Nova/sb que tem como foco propor debates sobre temas considerados polêmicos -, em 2017, o assunto ainda era considerado tabu, mesmo apresentando um número de 800 mil vítimas por ano, ou um suicídio a cada 40 segundos no mundo, e outras 20 tentativas para cada caso. Em recente monitoramento ao longo de 29 dias em maio de 2020, o CQM contabilizou 103,923 menções ao tema. A pesquisa avaliou ainda as publicações que disseminam conteúdo positivo, como reflexões acerca da seriedade da depressão ou que incentivam a busca por ajuda. Enquanto em 2017 elas representavam 28,8% do total, dentro dos meses pesquisados em 2020, passaram para 63,5 %.

Em cada diálogo construído pelos personagens, buscamos uma nova visão (do começo ao fim), sem nenhum tipo de censura. Blenda Lorraine sempre foi a melhor amiga de Ariane Félix. Juntas, elas sonhavam com as descobertas da vida acadêmica. Ariane se foi, Blenda ficou, sem perceber, tão inesperadamente como sua partida, uma pergunta dá espaço para o questionamento e abre o documentário: O que se tem que fazer diante disso? A amiga nunca poupou esforços para ajudar Ariane. Sempre estavam juntas, assim era tudo mais leve e divertido. Em uma de suas últimas lembranças, Blenda conta que acompanhou a amiga a um atendimento psicológico gratuito, ao chegar lá parecia ser tarde demais. Não tinham vagas para o desespero interior, somente com hora marcada: “volte depois”. O depois sucumbiu de dentro para fora, a fila estava grande demais para quem buscava sobreviver, já a janela de despedida estava aberta, na Avenida Siqueira Campos, no alto do prédio do Hospital Geral do Estado, em Alagoas.

“Pauta proibida?” é fruto da necessidade do despertar nas redações, trabalhando uma pauta de extrema necessidade social. O suicídio é um campo inexplorado e sem dados para contribuir na formação dos futuros jornalistas. O documentário é uma tentativa de desmistificar todo o contexto construído durante anos, que silencia pautas de extrema importância para a sociedade atual. O

jornalismo, enquanto agente construtor do imaginário coletivo, reflete e suplanta pensamentos coletivos, seja contribuindo para a manutenção de tabus, seja dando espaço a novas formas de contribuir para o mundo.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

Propagar um videodocumentário jornalístico sobre a cobertura midiática acerca da pauta “suicídio”, abordando de onde veio o padrão seguido pela maioria da mídia atual, e o que mudou nos últimos anos.

2.2 Específicos

- Compartilhar com estudantes e comunicadores um produto jornalístico que sirva como registro histórico e etnográfico para documentar a cobertura atual de pautas relacionadas com o suicídio;
- Questionar o surgimento da oposição a cobertura da pauta relacionada ao tema;
- Questionar o modo robótico nos quais nomes e históricos de vítimas são revelados na imprensa;
- Explorar a posição de profissionais da área da saúde sobre a divulgação de casos suicidas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Documentário

Os meios de comunicação podem contribuir na construção da história, função e comportamento da sociedade. Sendo assim, o videodocumentário torna-se um produto importante para a preservação da memória de culturas, povos e lugares. Ao projetar a vida social tomamos a responsabilidade de não deturpar ou desrespeitar a realidade, o produto não é uma reprodução da vida real, mas uma representação da realidade.

Produtos que nos instigam a liberdade, como os documentários, nos permitem ver questões que necessitam de atenção, fugindo dos padrões jornalísticos habituais sem perder o caráter de registro. Diferente das emissoras de televisão, que transmitem detalhes de forma rápida, o documentário se preocupa em criar um território de aproximação com quem está assistindo. Watts (1990) fala sobre isso, quando diz que a comunicação da televisão é falha em detalhar informações.

A televisão é surpreendentemente ruim na comunicação de informações detalhadas. [...]. Para tornar as coisas piores, os espectadores de TV têm todos de receber a informação na mesma velocidade (isso pode dar a sensação de demora para quem é mais rápido e confundir quem precisa receber a informação devagar para entendê-las) e ninguém pode voltar a ler o parágrafos que não compreendeu a primeira vez (WATTS, 1990, p.22).

Diferentes da tecnologia deepfake, que usa inteligência artificial (IA) para criar vídeos falsos, de pessoas fazendo coisas que elas nunca fizeram na vida real, o produto audiovisual passa então a desenhar a realidade histórica de forma mais clara, sem filtros delimitadores ou interesses pessoais. Quando conduzido por linhas que se encontram em pontos específicos o telespectador começa a compreender todo o contexto, antes camuflado por tantas informações soltas. “Os registros históricos funcionam como fragmentos da realidade e só se constituirão documentário se conduzidos por uma narrativa capaz de dar unidade ao que se quer contar” (MELO; CRISTINA, 1999, p.3).

Caminhamos assim para um desenvolvimento crítico da sociedade, oferecendo a ela condições para que participe ativamente das pautas sociais que as envolvem. Convidando-os a uma apreciação sobre o tema abordado, os documentários exploram a realidade pois se baseiam em fatos e personagens reais.

A produção do material jornalístico trata de acontecimentos da história, atualidades, questões sociais, econômicas e ambientes relevantes. Reafirmando o compromisso da exploração da realidade, esse produto, assim como tantos outros, representa uma determinada visão do mundo, uma visão a qual talvez nunca tenhamos nos deparado anteriormente, mesmo que apresente questões já familiares.

3.2 Jornalismo e ética

Entendemos a atividade do jornalismo como de caráter social, buscando sempre a finalidade de compreender e noticiar informações. O jornalista deve apresentar linhas que visam o coletivo e a compreensão ética deve estar sempre em primeiro lugar. Disciplinas como “ A ética no jornalismo” são abordadas nas universidades do país, no intuito de catalogar possíveis reações de futuros jornalistas a pautas que podem encontrar em seu dia a dia.

Para Martins (2011), o conhecimento de todo o código de ética e seu estudo literal pode se tornar cansativo, faz-se necessária a compreensão de seu contexto de modo geral. O autor questiona ainda a posição dos jornalistas quanto ao seu Código de Ética:

Quantos conhecem o Código de Ética dos Jornalistas? Quantos sabem implementar os artigos do Código no dia a dia da sua profissão? O que vemos, observamos a cada dia é uso do senso comum, na melhor das hipóteses. O jornalista "apela" ao código de ética quando se sente ameaçado ou quando seus interesses pessoais estão em risco na produção da matéria de cada dia (MARTINS, 2011, p.1).

Em nosso cotidiano, diariamente deparamos com inúmeras situações que nos levam a tomar decisões, a ética faz com que estabeleçamos os valores para as ações que vamos praticar ou não. O ato de escolher é uma prática que pertence

exclusivamente ao homem, mas o que é certo ou errado em uma cobertura jornalística e qual o limite ético da veiculação das informações repassadas à sociedade? Christofolletti (2008) esclarece os valores morais e éticos na sociedade:

A moral é isso: um conjunto de valores que orientam a conduta, as ações e os julgamentos humanos. Valores como bondade, justiça, liberdade, igualdade, respeito à vida, entre tantos outros. É com base em valores morais que fazemos nossas escolhas sobre nossas condutas e atuamos diante das situações cotidianas. [...]. Aquilo que os homens fazem com a moral, isto é, como fazemos os valores funcionarem, é o que se convencionou chamar de ética. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 16).

Buscando a audiência desejada, programas de TV mergulham em pautas de modo sensacionalista em nome do interesse público. É correto afirmar que tal interesse é obtido pela informação e não simplesmente por seu desfrute com a curiosidade alimentada. A imprensa precisa saber diferenciar o interesse público do que é indiscrição perversa, e informar de forma a trazer benefícios para a sociedade e não alimentar sua curiosidade.

Saber procurar ou utilizar entrevistas ou fotos, ou seja, mostrar compaixão por aqueles que são afetados pela tragédia ou sofrimento, que podem ser os amigos, familiares e admiradores que pedem o sigilo nas notícias; reconhecer que as fontes possuem um direito maior ao controle de informações sobre si mesmas do que representantes públicos e outros que buscam poder, influência e atenção. (BUCCI, 2000, p.02)

Abordar pautas de grande relevância para a saúde mental se torna cada vez mais necessário. Os números mostram que até 90% dos casos de suicídio são preveníveis. Grando (2010) defende que conteúdos produzidos pela imprensa devem trazer informações e mensagens importantes sobre essa questão, que tem ligação direta com a saúde mental e transtornos como depressão.

Ao abordar o suicídio em suas páginas diárias, a imprensa também poderia contribuir oferecendo informações e incentivando um debate sobre como auxiliar pessoas com tendências suicidas, como superar a perda de uma pessoa

querida por suicídio, como relações familiares e escolares podem influenciar crianças e adolescentes a pensarem em suicídio em decorrência de uma pressão social vinda dessas instituições que eles não conseguem suportar. (GRANDO, 2010, p. 111).

3.3 O suicídio no Brasil

Apesar do progresso alcançado ao longo dos anos, segundo a OMS uma pessoa ainda morre a cada 40 segundos por suicídio, sendo a segunda principal causa de mortes entre jovens como Ariane, de 15 a 29 anos, ficando atrás apenas dos acidentes de trânsito. Toda morte é uma tragédia para a família, amigos e colegas. No entanto, suicídios, na maioria das vezes, são evitáveis. Nasce então a necessidade de redefinir a forma de comunicar suicídios.

Por muitos anos, dentro e fora das redações, o silêncio sobre essa pauta foi ligado ao poder de transmissão e contágio. Para Barros, 2018, todo esse padrão de entendimento, não teve início com a cobertura da imprensa de casos de suicídios e sim com a propagação da literatura ficcional, onde repetidas vezes, jovens se identificavam com fins trágicos de protagonistas apaixonados, causando uma onda de suicídios que originou o “Efeito Contágio”.

Há uma percepção antiga de que a literatura ficcional, não ficcional e a imprensa podem influenciar a motivação para um comportamento suicida (ABP, 2017). De fato, esse temor foi verificado pela primeira vez não através da influência da imprensa, mas da obra literária “Os Sofrimentos do Jovem Werther” (1774), do autor alemão Johann Wolfgang Von Goethe. (BARROS, 2018, p. 15)

Os métodos mais comuns de suicídio são enforcamento, envenenamento por pesticidas e armas de fogo, grande parte destes mecanismos já foram divulgados amplamente pelas grandes mídias. As principais intervenções que demonstraram sucesso na redução de suicídios incluem restringir o acesso a estes meios; orientar a mídia sobre a cobertura responsável sobre o tema; implementar programas entre os jovens para desenvolvimento de habilidades que lhes permitam

lidar com o estresse da vida; identificação precoce, gerenciamento e acompanhamento de pessoas em risco de suicídio.

Por diversas vezes, casos de pessoas que tiram a própria vida foram abordados pela mídia como “um espetáculo” ou simplesmente deixaram de ser noticiados por medo de gerar o efeito “contágio”. No entanto, uma cobertura jornalística responsável pode contribuir para a prevenção do suicídio, reduzindo o risco de um comportamento imitador, ajudando a modificar falsas percepções e incentivando as pessoas a procurarem ajuda.

Para Durkheim, “ não há dúvida de que a ideia do suicídio pode ser transmitida de forma contagiosa” e que “talvez não haja fenômeno que seja tão facilmente contagioso” (Durkheim, 2003, p. 109). No entanto, tornar a pauta de suicídio proibida dentro dessa janela não é o melhor caminho. Ainda segundo o sociólogo o fato de se falar sobre o tema não é o que pode contribuir para o desenvolvimento, o ponto crucial sempre será a maneira como se fala sobre o assunto.

Na busca por capacitação dentro das universidades nos deparamos com um vazio sobre este tema. É necessário destacar a importância do suicídio no âmbito da saúde pública, o papel fundamental da comunicação e recomendações para relatos de suicídio, com comunicadores como parceiros-chave na prevenção. Mudando a perspectiva para que esse tipo de notícia tenha foco na saúde pública, podemos ajudar os leitores a pensar sobre o assunto.

3.4 Orientações do Ministério da Saúde ao noticiar as tentativas e os casos de suicídio na imprensa

Em 2017, foi publicada a cartilha “Suicídio: saber, agir e prevenir”, Divulgada pelo ministério da Saúde, o documento tinha direcionamento aos profissionais da imprensa brasileira. Em seu conteúdo é possível encontrar instruções sobre a forma como as notícias relacionadas ao tema devem ou não ser tratadas:

- Não dar destaque à notícia. No caso de jornais, evitar colocar a matéria de suicídio na primeira página, buscando utilizar sempre a parte inferior

das páginas pares. Quando abordar o assunto na TV, noticiar apenas o caso do terceiro bloco em diante. A mesma regra se aplica aos programas de rádio. Evitar coberturas de páginas inteiras ou de longa duração sobre o ato suicida;

- Evitar repetições e atualizações, especialmente em casos que envolvam celebridades;
- Não usar a palavra suicídio no título. É preferível evitar a palavra suicídio em chamadas e manchete e incluí-las preferencialmente no corpo do texto;
- Evitar a colocação da matéria em primeira página, e não dar ênfase no impacto da morte sobre as pessoas próximas. Buscar não repetir a reportagem, nem produzir novas matérias sobre o caso;
- Não divulgar o método utilizado. Evitar mencionar e, principalmente, descrever em detalhes o método utilizado em um suicídio ou tentativa;
- Não divulgar o lugar. Não fornecer detalhes sobre o local do suicídio ou da tentativa de suicídio, como pontes, viadutos, estações de trem ou metrô e shopping para evitar novas ocorrências nesses locais;
- Não publicar fotos. As fotos de cenas jamais devem ser publicadas. Fotos de parentes e amigos enlutados, homenagens e funerais também devem ser evitados para não glamourizar quem se matou. Não publicar fotos da pessoa que se suicidou;
- Não divulgar cartas ou bilhetes suicidas. O teor dessas mensagens não deve ser divulgado;
- Não descrever um suicídio como inexplicável ou sem aviso. A maioria das pessoas que tentam ou cometem o suicídio emitem sinais de alerta;
- Não apresentar causas. Não abordar o suicídio como consequência de um único evento, como perda de emprego, divórcio ou notas baixas na escola. O suicídio não deve ser enaltecido nem tomado como ato de coragem, num processo de "romantização" do ato, ou de "heroicização" da pessoa que morreu por suicídio. Não abordar as mortes autoinfligidas como normais;
- Não apresentar o suicídio como única saída. O suicídio deve ser tratado como solução para qualquer tipo de problema;
- O suicídio nunca deve ser tratado como crime ou caso de polícia;

- Não fale em epidemia. Não se deve noticiar suicídios recentes como epidemia, fazer referência a um número excepcional de casos ou utilizar outros termos alarmantes. É preferível abordar o tema como questão de saúde pública;
- Ficar atento à linguagem. Quando falar sobre o suicídio, não use termos como: "teve êxito", "tentativa bem ou malsucedida".

Entendendo a necessidade da explanação do tema em janelas de grandes mídias brasileiras, visto que a divulgação de informações realizadas de forma correta auxiliam na queda de números de suicídios, o Ministério da Saúde orienta ainda, como mortes por suicídio devem ser divulgadas na imprensa:

- Sensibilizar o público em relação ao tema. Não ter medo de abordar o suicídio, sempre seguindo as orientações específicas para a mídia. Quanto mais persistir o tabu, mais difícil para pessoas em risco de suicídio procurar e encontrar ajuda;
- Não passar diretamente às conclusões. As razões pelas quais as pessoas se suicidam são sempre muito complexas;
- Aproveitar as notícias do suicídio para informar sobre sinais de alerta, evolução de dados epidemiológicos e avanços na prevenção;
- Informar com discrição. Na mídia impressa, inserir a notícia nas páginas internas e na parte interior da página. Na TV ou rádio, apresentar a notícia sem sensacionalismo, no segundo ou terceiro bloco;
- Informar telefones úteis e onde buscar ajuda. Os serviços de saúde são: os CAPS e as Unidades Básicas de Saúde (Saúde da família, Postos e Centros de Saúde). Os de emergência: SAMU 192, UPA, Pronto Socorro e Hospitais. Os Centros de Valorização da Vida (CVV): 141 (ligação pago) ou www.cvv.org.br.
- Ficar atento a alguns sinais de alerta. Um dos falsos mitos sociais em torno do suicídio é que a pessoa que tem a intenção de tirar a própria vida não avisa, não fala sobre isso. Entretanto, sabemos que isso não é verdade e que devemos considerar seriamente todos os sinais de alerta que podem indicar que a pessoa está pensando em suicídio;
- Consultar especialistas em prevenção;

- Respeitar o luto. Mostrar consideração pelos enlutados. Pessoas que perderam um ente querido por suicídio são consideradas um grupo de risco e têm uma chance maior de tentar se suicidar. Entrevistas e fotos devem ser evitadas ou tratadas com atenção especial. Da mesma forma, evitar entrevistas com socorristas e profissionais de saúde que encontraram a pessoa morta por suicídio;
- Ficar atento à linguagem. Descrever o óbito como "morto por suicídio".

3.5 Metodologia do documentário

O videodocumentário jornalístico “Pauta Proibida?” é construído inicialmente por três estruturas: Iniciando com a pesquisa bibliográfica, que é a parte inicial de qualquer trabalho de pesquisa e investigação, identifico a personagem principal da narrativa e profissionais que vão agregar acerca do tema. Essa primeira fase serviu para montar a linha de pensamento estratégica e criativa para as gravações do produto.

No documentário, a história é construída pelo depoimento de Blenda Lorraine, melhor amiga de Ariane Félix, estudante de jornalismo que cometeu suicídio, os relatos da história de Ariane são costurados para dar voz e ritmo aos outros dois personagens. Esse segundo momento, é semelhante ao primeiro passo, a diferença está no método de análise do material para conduzir as entrevistas dos personagens.

No terceiro e último passo, com o roteiro pronto e imagens coletadas, seguimos para a seleção de sons, imagens e *offs* que devem enriquecer o decorrer do produto. Toda história será costurada a fim de apresentar a biografia da personagem as diretrizes atuais do jornalismo brasileiro sobre o suicídio. Ainda no último momento, a produção do relatório será construída finalizando todo o processo de criação.

4. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS METODOLÓGICOS

Nesta seção será descrito todo o processo pelo qual o projeto passou, desde o surgimento de sua ideia, sua roteirização, passando pela filmagem e finalização.

4.1 Ideia e Desenvolvimento do Tema

Nunca soube qual seria minha paixão no jornalismo até me deparar com ela, no quarto período do curso de graduação em Comunicação Social, Jornalismo, ao qual sempre sonhei, me vi enfrentando um grande desafio, afinal estava em minha zona de conforto enquanto só adquiria conhecimento e não os colocava em prática. Meu primeiro estágio, a produção de TV no jornalismo, foi uma aventura apaixonante. Já no primeiro dia um grande questionamento a minha trajetória até ali, quando perguntei à minha chefe direta se cobríamos pautas de suicídio e recebi a resposta de um seguro e vazio “não”.

Para minha surpresa era algo que eu não tinha conhecimento teórico até ali, e infelizmente também não tive até o final do curso. O Jornalismo me ensinou a não receber a primeira resposta como definitiva e logo fui pesquisar sobre a linha que os profissionais de comunicação adotavam para esse tema, e mais uma surpresa, pouquíssimos documentos eram destinados a esclarecer os direcionamentos dessa pauta, até aqui, proibida para mim.

Após a produção do pré-projeto, em 2019, convidei a docente Lídia Ramires para ser orientadora do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Apresentei o projeto ao qual questionava a posição de jornalistas diante da produção midiática do suicídio, na oportunidade dois jornalistas estavam na mesma sala de reunião, curiosa perguntei a visão deles sobre essa pauta e tornando tudo ainda mais interessante a resposta de ambos foi divergente, o que me motivou ainda mais a descobrir o que oscilava tanto neste questionamento.

Repensei o formato do projeto por entender que eu precisava de uma história para contar, algo que fosse além da parte técnica e que sustentasse o porquê de estar correndo atrás de respostas sobre a cobertura midiática do jornalismo dentro da pauta suicídio. A partir daquele ponto, o documentário desenvolveu então um propósito maior, tentar entender como a classe de jornalistas alagoanos poderia fazer mais, e evitar desfechos trágicos.

Alguns dias depois um evento na 9º Bienal Internacional do Livro de Alagoas chamou minha atenção, “ Somos todos Ariane” dizia o cartaz que anunciava o dia e horário da homenagem a Ariane Félix. Ariane ingressou no curso de Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas no ano de 2016, ela fez parte da primeira turma de

jornalismo da Universidade Federal de Alagoas, em seu primeiro dia de aula carregava sonhos e projetos e ninguém sabia até ali nada além do superficial de cada aluno, não sabíamos suas histórias, muito menos seus fins.

O propósito de contar de alguma forma essa história me levou ao encontro da também estudante de jornalismo, Blenda Lorraine, melhor amiga de Ariane. Blenda esteve presente em seus melhores e piores momentos, eu precisava entender – e fazer entender, como pessoa e como jornalista, o que poderia ter sido feito.

Com o objeto de estudo e o cronograma de atividades definidos, dei início a busca por profissionais para começar a levantar dados, apresentar o projeto e realizar marcações para dar início às gravações. Para isso, montei um planejamento financeiro para transporte e equipamentos necessários.

Dei início às primeiras gravações, no momento com outros dois personagens, uma jornalista e um psiquiatra. Acompanhei a jornalista Daniele Silva, em um dia de trabalho na Tv Ponta Verde, afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão, em Maceió. Passamos uma tarde juntas discutindo o tema, com e sem a presença da câmera. Logo após, conheci e conversei com o psiquiatra Gustavo Omena, para oferecer embasamento da área da saúde. No fim, conversei novamente com Blenda Lorraine e entendi o que precisava contar.

4.2 Roteiro e sequências

Por meio das entrevistas, o documentário “ Pauta proibida?” foi construído com técnicas clássicas com os profissionais, e com um viés mais aberto com a personagem Blenda. Em todos os casos a câmera era espectadora de depoimentos, sem pressão alguma.

SEQUÊNCIA 1 (00:00 a 00:59)

Fade-in com o áudio de Blenda Lorraine, melhor amiga de Ariane, que questiona o fato da cobertura midiática ser tão superficial e robótica. Em seguida *takes* recortados de reportagens antigas mostram a cobertura grotesca de alguns veículos de TV.

SEQUÊNCIA 2 (01:00 a 02:10)

As imagens em preto e branco, dão lugar a uma curta biografia de Ariane, seguida por recorte de uma matéria sobre a mesma. Logo após, o nome do documentário “ Pauta proibida? A cobertura jornalística do suicídio”, o letreiro tem dois pontos de destaques, o primeiro com a utilização de uma linha que remete a proibição em uma das letras e o segundo com a utilização de uma interrogação.

SEQUÊNCIA 3 (02:11 a 14:47)

Uma linha é construída entre os personagens do documentários – Daniele Silva, Gustavo Omena e Blenda Lorraine. Em alguns trechos, do discurso, há imagens de apoio, como recortes de matérias, trechos editoriais e imagens ilustrativas.

SEQUÊNCIA 3 (05:05 a 05:59)

Texto narrado (*off*) explana trechos de editoriais de jornais brasileiros sobre a cobertura do suicídio, com o apoio de imagem ilustrativa a sequência esclarece instruções sobre a cobertura da pauta em 3 grandes jornais do Brasil.

SEQUÊNCIA 4 (15:47 a 16:52)

O momento final onde cada personagem explana sobre a necessidade de falar sobre o assunto, Blenda como um grito de socorro afirma que sua amiga pediu ajuda. A imagem dá lugar a números de apoio ao suicídio, em seguida o título do documentário aparece, seguido dos créditos.

5. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

5.1 Construção do documentário

Na primeira orientação do pré-projeto, a ideia do documentário jornalístico até então com o título “Os limites do jornalismo” era contar e demonstrar a realidade de

profissionais do jornalismo, de diferentes áreas e por meio de seus contrastes explicar suas vivências diárias como jornalista.

A pauta surgiu quando conversava com Ailton Cruz, fotógrafo e também jornalista de Alagoas, que durante um debate que durou horas me contou sobre os desafios de sua carreira e tudo que tinha passado para chegar até ali. A ideia de desvendar histórias que eu poderia viver um dia me enchia os olhos e me trazia a certeza de que estava no caminho certo. A partir dali, com o projeto bruto, comecei a procurar e gravar personagens da área para construção da história. Cada personagem tinha algo diferente para contar, desde sua pauta mais desafiadora, por exemplo, até a maior alegria vivida dentro do jornalismo.

A ideia continuava a me encantar, mas algo fazia com que o projeto não fosse além das gravações. Nada harmonizava, as histórias não se costuravam e o documentário parou. Conversei com alguns amigos da área que me aconselharam a recortar o tema que aparentemente parecia abraçar muitas vertentes, impossibilitando assim o entendimento do que eu realmente gostaria de contar, algo que instigasse a classe de jornalistas, especialmente estudantes de comunicação a conhecer parte do nosso mundo. Passei alguns dias analisando pautas que poderiam delinear uma linha para seguir, queria contar algo novo, atual e importante, dentro e fora do jornalismo.

Foi quando lembrei de um tema que despertou minha curiosidade em meu primeiro dia de estágio, a cobertura midiática do suicídio. Pesquisei sobre a temática a fundo e nenhum arquivo ou projeto esclareceu a dúvida que me inquietou, como estudante de comunicação social. As pesquisas do tema são escassas e nada esclarecedoras.

Uma história em especial me motivou a encontrar o caminho dentro desta pauta, a mesma que me fez construir o projeto, Ariane Félix, que dividiu junto comigo e outros 18 jovens, em janeiro de 2016, a alegria e o medo de iniciar uma nova fase da vida. Já no finalzinho do percurso, no dia 26 de agosto, a depressão a levou ao suicídio. No fim daquele dia um questionamento começava a delimitar minha pauta final, Ariane estava cercada por jornalistas, somos muitos, temos voz, fizemos o bastante para evitar esse e outros fins trágicos?

Marquei um encontro com aquela que, na visão de todos, mais entendia de Ariane, na esperança de que ela me ajudasse a entender a história de forma mais profunda, longe da forma robótica que as matérias contavam, meu desejo era

apresentar Ariane na fala de Blenda, sua melhor amiga. Já era noite, quando a encontrei em uma sala do bloco de comunicação da Universidade Federal de Alagoas, com um sorriso singelo me recebeu e, ali, em frente a câmera, apoiada em uma bancada da sala de rádio do bloco, conversamos sobre quem era Ariane.

Passamos algumas horas em um depoimento que mais me parecia um desabafo entre amigas. O tempo passou rápido e acompanharam os olhos marejados de Blenda. Finalizei a gravação com um abraço forte e a certeza de que precisava contar que Ariane pediu ajuda e que esse tema precisava de mais espaço.

Caneta e papel na mão, iniciei o processo de construção do enredo. Quem poderia me ajudar a contar essa história e passar a mensagem que eu gostaria de contar? Em um rascunho idealizei o projeto, desenhei linhas e rumos, criei perguntas em busca de respostas. Guardei a história de Ariane e engavetei as entrevistas feitas anteriormente, era hora de recomeçar, hora de descobrir, agora com a certeza de que estou na direção certa.

Danielle Silva, jornalista há 10 anos. Com ela a conversa caminhou para um fim mais instrutivo, percebendo meu anseio por aprender sobre aquele tema, com toda paciência do mundo ela expõe sua opinião com toda firmeza que seu trabalho pede dela diariamente. Dani, como costumo chamar, foi minha chefe em meu primeiro estágio, editora chefe do conhecido programa policial “Plantão Alagoas” está acostumada a cobrir casos violentos que chocam a sociedade.

Em nossa conversa ela deixou claro que acredita em uma maioria que defende a decisão da cobertura midiática do suicídio de forma a não romantizar o fato. “Precisamos falar sobre isso, em casa, na rua, no trabalho”, ela disse e eu concordei. A palavra consenso foi utilizada muitas vezes em sua fala, não discordamos em nenhum ponto. O acordo feito por jornalistas em algum período de tempo, desconhecido até agora, precisa se adequar aos tempos atuais, e mais importante ainda, precisa-se de uma só voz sobre o tema, algo que não encontramos na atualidade.

O depoimento da Jornalista confirmou o que eu já esperava, precisamos falar sobre isso. Mas de que forma a cobertura de um tema tão delicado deve ser feita? Encontrei no meio do caminho o psiquiatra, Gustavo Omena, conhecido por seu canal do Youtube, percebi o quanto ele gostava de discutir assuntos importantes para a sociedade, era o que eu precisava, um profissional que concordasse em caminhar comigo na ideia de falar sobre esse tema.

Enviei um *e-mail* contando sobre meu desejo de falar com ele sobre essa temática, e ele aceitou de primeira. Alinhamos as agendas e nos encontramos. Na clínica, conversamos sobre a história do suicídio, uma bagagem enorme de conhecimentos foi compartilhada ali, ainda com a câmera desligada, discutimos a importância daquela temática para nossas áreas. Gustavo não deixou de lado, em seu discurso, o poder da mídia na sociedade e exemplificou de que forma a cobertura midiática seria um grande aliado no combate que os profissionais da saúde travam diariamente contra a depressão e o suicídio.

5.2 Cronograma de produção

Tarefas/meses	Junho/20	Julho/20	Agosto/20	Setembro/20
Pesquisa bibliográfica	X	X		
Pesquisa documental			X	
Produção visual	X	X		
Relatório final			X	X
Edição de vídeo			X	X
Apresentação do TCC				X

5.3 Orçamento e detalhamento técnico

Para desenvolver o trabalho, o documentário “Pauta Proibida?” usou apoio financeiro próprio com a divisão de custos nas despesas com transporte, equipamento, edição e alimentação. Nos dias de gravação, com a ajuda de um pequeno tripé usei uma câmera emprestada Sony alpha nex-c3, com lente 18-55mm, que grava em resolução 1280p. Ao todo, das gravações, o gasto girou em torno de 150 reais. Na edição, um computador Dell Inspiron 15 5000, de memória RAM de 4gb, Core i5 - 7ª geração e utilizando o software Adobe Premiere Pro.

O produto contou com trechos capturados de bancos de vídeos gratuitos: como música retirada da plataforma YouTube, e também imagens de arquivo pessoal. O documentário contou com mais de 4 horas de conteúdo gravado nas entrevistas com os personagens. Sendo necessário a marcação de dois dias com alguns deles. Das 6 entrevistas, 3 foram excluídas pela mudança de temática ou problemas técnicos. Durante o processo do trabalho encontrei limitações técnicas como o enquadramento necessário para construção total do material, devido à pouca estrutura disponível.

5.4 Considerações Finais

A pauta proibida vira manchete. Precisamos contruir uma nova relação da imprensa na abordagem do suicídio. Que o futuro seja reflexivo, que ele traga na bagagem de novos jornalistas o desejo de informar, no sentido de instruir a população, de contruir uma forma de pensar e proporcionar o compartilhamento de informações e experiências. Que a comunicação promova debates e maior compreensão sobre temas sociais. Que as portas fechadas no passado e no presente sejam abertas para tantas outras "Arianes" que estão por vir. E que esse processo se inicie dentro das dezenas de universidades que constroem diariamente, profissionais da comunicação.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO e CARDOSO. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>. Acessado em 08 set. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSQUIATRIA. **Comportamento Suicida: Conhecer para Prevenir.** Disponível em: http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2017/abr/suicidio/manual_cpto_suicida_conhecer_prevenir.pdf . Acesso em: 16 de mar 2020.

BARROS, Uadson Souza. **Suicídio: tabu social que precisa ser falado na imprensa.** Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BUITONI, Dulcília H. S. **Documentário e jornalismo: produções antigas podem ser inovadoras.** Natal, 2008. Disponível em: http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2010/03/16/1268762801.pdf . Acesso em: 07 Out 2018.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo.** São Paulo: Editora Contexto, 2008.

DAPIEVE, A. **Morreu na contramão – O suicídio como notícia.** Rio de Janeiro: Zahar. 2009.

DURKHEIM, É. **O suicídio.** São Paulo: Martin Claret. 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual De Redação E Estilo.** Editora Maltese, 1992.

GRANDO, Carolina. **O Suicídio na Pauta Jornalística.** Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/>. Acesso em: 03 de mar. 2020.

GARCIA, Luiz. O globo: **Manual de Redação e Estilo**. Editora Globo, 1992.

MARTINS, Gerson Luiz. **Há espaço para a ética no jornalismo?** Disponível em: <http://www.gersonmartins.jor.br/artigo-jornal/ha-espaco-para-a-etica-no-jornalismo-749>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

MELO, Cristina. **O Documentário como Gênero Jornalístico Televisivo**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/e969053bfccdc7be14f5e0a009b95215.pdf>. Acesso em: 08 set. 2020

MENEZES, L. M. A realidade construída pela produção documental participativa. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/gal/v13n26/v13n26a18.pdf>. Acesso em: 08/09/2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Suicídio. Saber, agir e prevenir**. Brasília. 2017. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/20/Folheto-jornalistas-15x21cm.pdf>. Acesso em: 9 de mar. 2020

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

O DIA. **Manual de redação e texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Editora O Dia, 1996.